

A Sagração Episcopal do Senhor Bispo Auxiliar

Sendo Prelado Sagrante o nosso venerando Arcebispo e Consagrantes os Senhores Arcebispos de Braga e de Mitilene

Com a alta presença dos Senhores Arcebispo-Bispo Conde de Coimbra, Bispos do Porto e de Priene e D. Abade de Singeverga, das mais representativas autoridades civis e militares e de numerosas delegações da Acção Católica Portuguesa

vai realizar-se em 19 do corrente, na Catedral de Aveiro, a imponente cerimónia da sagração do Senhor

D. DOMINGOS DA APRESENTAÇÃO FERNANDES

Na próxima quinta-feira, 19 do corrente, dia em que a Santa Igreja celebra a festa litúrgica de S. José, vai realizar-se na Sé Catedral, como já é de todos sabido e por todos ansiosamente esperado, a imponente cerimónia da sagração episcopal de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. Domingos da Apresentação Fernandes, nomeado pelo Santo Padre Pio XII, em 9 de Dezembro último, para Bispo Titular de Acalisso e Auxiliar do nosso venerando e querido Arcebispo.

I — Entrada dos Prelados e início

A's 9,45 horas, todos os Prelados se reúnem na igreja de Jesus, donde seguirão, em cortejo, para a Sé Catedral. Após a recepção, feita pelos Consultores Diocesanos e mais clero, e uma breve oração ao Santíssimo Sacramento e no Altar-mór, os dois Prelados, Sagrante e Eleito, preparam-se para a Missa e paramentam-se, aquele no trono, assistido dos seus Ministros, este, com os seus Assistentes ou Consagrantes, junto do seu Altar.

O Sagrante reveste-se com os paramentos próprios para a Missa Pontifical, os Assistentes de pluviais brancos, e todos três mitrados; o Eleito de pluvial e barrete.

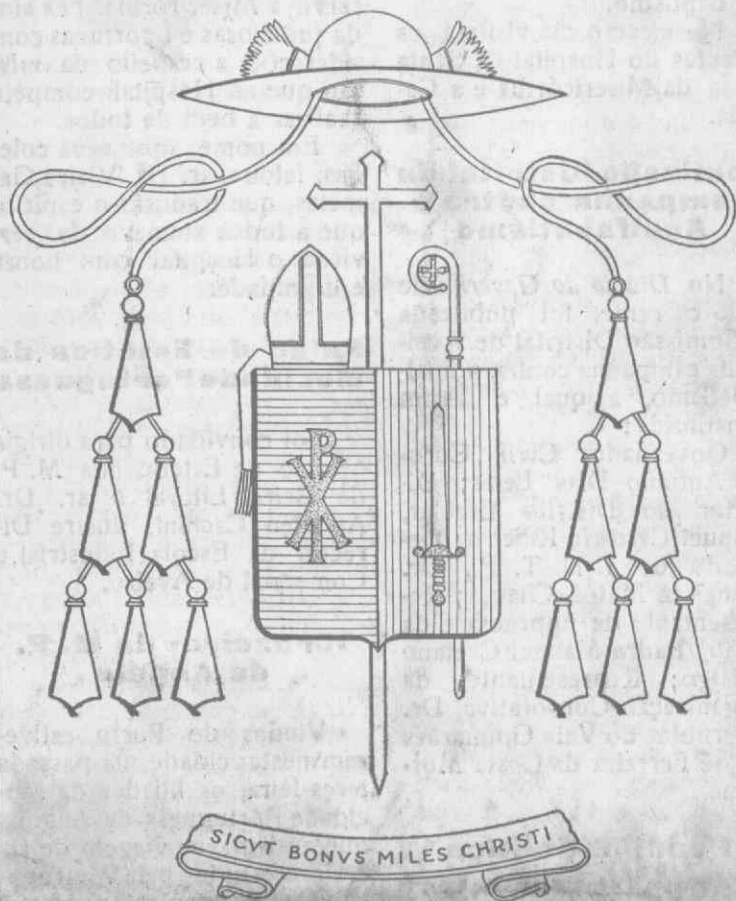
Em seguida, o Sagrante desce do trono e vem sentar-se no faldistório, a meio do

(Segue na 8.ª página)



D. Domingos da Apresentação Fernandes

Bispo de Acalisso e Auxiliar de Aveiro



ARMAS DE FÉ

DE

D. Domingos da Apresentação Fernandes

ESCUDO PARTIDO — 1. De azul carregado com um Chrisma, que é o monograma de Cristo, de ouro; 2. De vermelho, com uma espada de prata, empunhada e guarnecida de ouro, posta em pala com a ponta apontada para o chefe. LEGENDA — «Sicut bonus miles Christi».

(Desenho e leitura do Monge Beneditino D. M. Martin)

A LEGENDA do novo Bispo da Santa Igreja dá o sentido exacto e expressivo do simbolismo das suas armas.

E' extraída da II Epistola do Apóstolo S. Paulo a Timóteo, na qual o grande atleta da fé recorda ao seu discípulo caríssimo a necessidade de manter sempre renovada a graça de Deus que lhe conferira pela imposição das mãos. Em palavras incisivas ordena-lhe que trabalhe sempre como bom soldado de Jesus Cristo: *Labora sicut bonus miles Christi Jesu (II ad Tim. II, 3)*.

Perante a defeção daqueles que trocam a Verdade de Deus pelos desejos de seus corações, ordena o Apóstolo das Gentes ao seu discípulo que vigie, trabalhe por toda a parte e desempenhe a sua missão de evangelizador, mantendo sempre a modéstia e a sobriedade dos arautos de Cristo, mas liberte das pressões humanas, porque o Verbo de Deus não aceita compromissos (*Verbum Dei non est alligatum*).

A directriz do grande Apóstolo ao seu amado discípulo serviu de inspiração para o escudo das armas do novo Prelado. Em campo vermelho, como em campo de batalha, ergue-se a espada, gládio da Verdade que liberta as almas do erro e do pecado e outra glória não busca senão o triunfo de Cristo.

A vitória de Jesus Cristo é feita da conversão do mundo, já agora transfigurado no azul celeste, no qual sobressai o sinal querido dos cristãos das primeiras eras, simbolismo expresso pelo campo azul, à esquerda do escudo com o Chrisma.

Na simplicidade destes símbolos, encontra-se traduzida a vida toda do Bispo que vai ser sagrado na Catedral de Aveiro.

Chamado por Deus ao sacerdócio católico em horas de luta contra a Santa Igreja, quando ainda envergava a farda de soldado, ao mesmo tempo que era seminarista, consagrou-se totalmente ao serviço do Senhor.

Na sua vida de sacerdote, durante 34 anos, como pároco, pregador, assistente da Acção Católica, foi instrumento do Evangelho em missões, em retiros, em cursos, em escritos; a sua palavra fez-se ouvir em quase todas as cidades e vilas de Portugal. Nos últimos 15 anos, até à sua eleição para Bispo de Acalisso e Auxiliar da Diocese de Aveiro, todo o escol da Acção Católica Portuguesa — milícia da Igreja para a recristianização de Portugal — encontrou nele transmissor fiel e disciplinado do pensamento da Hierarquia.



Bispo Auxiliar

O Senhor Bispo Auxiliar, no dia 20 do corrente, às 9 horas, celebrará Missa na igreja paroquial da Vera-Cruz, no altar de Nossa Senhora da Apresentação, sua Madrinha de baptismo.

No mesmo dia visitará os doentes do Hospital da Santa Casa da Misericórdia e a Cadeia.

Comissão Distrital da Campanha contra o Analfabetismo

No *Diário do Governo* de 9 do corrente, foi publicada a Comissão Distrital de Aveiro da campanha contra o analfabetismo, a qual é assim constituída:

Governador Civil, Coronel António Dias Leite; Director do Distrito Escolar, Manuel Cardoso Ribeiro; Delegado do I. N. T. P., Dr. Francisco Matos Chaves; Representante da imprensa e da rádio, Padre Manuel Caetano Fidalgo; Representantes da Organização Corporativa, Dr. Querubim do Vale Guimarães e José Ferreira da Costa Morgatua.

Reunião política

Com o Governador Civil, sr. Coronel Dias Leite, e Presidente da Comissão Distrital da U. N., sr. Coronel Gaspar Ferreira, reuniram-se os Presidentes das Câmaras Municipais e das Comissões Concelhias da União Nacional, a fim de tratarem de questões políticas para o ano decorrente, em conformidade com as instruções recebidas da Comissão Executiva.

Acto de posse dos novos médicos do Hospital

Na sala das sessões da Santa Casa da Misericórdia, realizou-se, na passada quinta-feira, 12 do corrente, às 15 horas, o acto de posse dos novos médicos do quadro clínico privativo do Hospital de Aveiro, estando presentes o provedor, sr. Egas da Silva Salgueiro, todos os membros da Mesa Administrativa, inúmeros irmãos e pessoas amigas dos novos clínicos.

Após o juramento, o sr. provedor conferiu a posse aos médicos, aprovados no concurso documental aberto pela Mesa da Misericórdia, e que são os srs. Dr. José Vieira Gamelas, Dr. Alberto Soares Machado, Dr. Humberto Leitão, Dr. Sizenando Evaristo Rodrigues Ribeiro da Cunha, Dr. Fernando Maia dos Santos Neto, Dr. Victor Celestino Ferreira Regala, Dr. Alvaro de Melo Atayde e Corga, Dr. Américo Gonçalves Viana de Lemos e Dr. Joaquim Alberto Bastos Martins.

Depois, em breves e concisas palavras, referiu-se à acção dos antigos médicos,

que louvou e agradeceu, afirmando que todos haviam dado ao Hospital o seu zelo e boa vontade, servindo com galhardia. Aos novos dirigiu palavras de saudação, dizendo confiar inteiramente na sua inteligência e amor de bem servir a Misericórdia. Fez ainda judiciosas e oportunas considerações a respeito da missão que ao Hospital compete realizar a bem de todos.

Em nome dos seus colegas, falou o sr. Dr. Vieira Gamelas, que traduziu o espírito que a todos animava de servirem o Hospital com honra e dignidade.

Salão de Estética da Mocidade Portuguesa

Foi convidado para dirigir o salão de Estética da M. P. da Beira Litoral o sr. Dr. Amadeu Cachim, ilustre Director da Escola Industrial e Comercial de Aveiro.

"Cruzeiro" da M. P. de Angola

Vindos do Porto, estiveram nesta cidade, na passada terça-feira, os filiados da Mocidade Portuguesa de Angola, que andam em viagem de recreio e estudo pela Metrópole. Os estudantes angolanos foram carinhosamente recebidos na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, pelos filiados da Ala de D. Jorge de Lencastre, que formavam dois "castelos", e pelos estudantes do Liceu e da Escola Industrial e Comercial, corpo docente destes dois estabelecimentos de ensino, crianças das escolas primárias e muitas centenas de pessoas. Abrihantou a recepção a "Banda Amizade", e apresentaram cumprimentos aos filiados angolanos, que eram acompanhados pelos srs. Tenente Rui Ventura e Dr. Carlos Torres, os srs. Dr. João Rocha, Sub-delegado Regional, e os dirigentes Dr. Saraiwa de Carvalho e Dr. A. Santos. Estiveram presentes diversas entidades civis e militares.

Em seguida, o "cruzeiro" dirigiu-se, em cortejo, para os Paços do Concelho. No salão nobre do Município, o sr. Dr. Alvaro Sampaio apresentou à embaixada angolana os cumprimentos de boas-vindas, congratulando-se com a sua visita a esta cidade.

Agradeceu a saudação do Presidente do Município o sr. Tenente Rui Ventura. A Ala da M. P. de Aveiro ofereceu aos visitantes uma interessante miniatura do barco "moli-ceiro" da Ria. Depois, em duas lanchas da Comissão de Turismo, os filiados da M. P. de Angola deram um pequeno passeio pela Ria até ao ancoradouro da Gafanha.

De regresso a esta cidade, estiveram a apresentar cumprimentos aos srs. Arcebispo,

Prof. Abílio Marques Ramos

Faleceu no passado dia 3 do corrente, conforme noticiámos, o sr. Prof. Abílio José Marques Ramos, de 68 anos de idade, aposentado, que deixa viúva a sr.^a D. Albina Rodrigues de Oliveira Ramos e era pai de D. Alda; Dr. Augusto, Director do Colégio de Dr. Egas Moniz, em Estarreja; Alberto, funcionário público no Porto; Alcina; Angela; Adriano; Angelo; P.^o Aníbal, Vice-Reitor do Seminário de Santa Joana Princesa de Aveiro; Augusta; Aldina (Madre Maria Gonzaga, da Congregação do Sagrado Coração de Maria); Amílcar; Aristeu; Armada; Alice de Oliveira Marques Ramos e mais cinco filhos já falecidos.

O saudoso extinto, chefe desta numerosíssima família, que conta duas vocações, uma sacerdotal e outra religiosa, foi professor primário na freguesia do Bunheiro, donde era natural, e em Pardelhas, tendo ensinado algumas gerações de rapazes, que hoje o recordam com imensa gratidão.

Pessoa grandemente conhecida e profundamente estimada, o seu funeral, realizado no dia 5, constituiu enorme manifestação de pesar, nele se incorporando inúmeras individualidades de destaque nos concelhos da Murtosa e de Estarreja, médicos, advogados, engenheiros, funcionários públicos, professores, antigos alunos, etc.

Assistiram ao funeral todos os professores e uma deputação de alunos do Seminário de Aveiro, numerosos párocos das freguesias vizinhas, sacerdotes naturais do Bunheiro e discípulos do rev. Padre Aníbal Ramos, que a ele presidiu e celebrou também a Missa solene de requiem, acolitado pelos revs. Padres João Paulo Ramos e M. Caetano Fidalgo. Esteve também presente Mons. Raúl Mira, Vigário Geral da Diocese e Reitor do Seminário. Igualmente se incorporaram no cortejo algumas crianças das escolas da freguesia. O *Correio do Vouga* esteve representado pelos seus director, editor e administrador, revs. Padres M. Caetano Fidalgo, A. Augusto de Oliveira e M. Vaz Pinto.

A toda a família apresentamos a expressão das nossas mais sentidas condolências.

antigo Bispo de Angola e Congo, e General João de Almeida, herói das campanhas de África. Ao fim da tarde, o "cruzeiro" visitou a Fábrica de Porcelanas da Vista-Alegre, seguindo para Anadia.

Largo do Senhor das Barrocas

Terminaram os trabalhos de reconstrução dos dois escadórios que dão acesso ao Largo do Senhor das Barrocas. O recinto, com esta obra, melhora consideravelmente.

Sagração Episcopal

A Rádio Renascença retransmitirá, no próximo dia 19, às 21,30 horas, parte das cerimónias da Sagração Episcopal do Senhor Bispo Auxiliar de Aveiro.

A Reportagem Fotográfica

da Sagração de Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar de Aveiro foi confiada à Moderna Casa Fotográfica RESENDE

Av. Dr. Lourenço Peixinho 65

Cafeteiras Eléctricas

Aos melhores preços do mercado
Só na Casa das Utilidades
Rv. Dr. L. Peixinho, 124 - Aveiro

Teatro Aveirense

S. A. R. L.

AVEIRO

Assembleia Geral Ordinária

(2.^a CONVOCATÓRIA)

Conforme o artigo 37.^o dos nossos Estatutos, convido os Senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral Ordinária, no dia 29 do mês corrente (2.^a Convocatória) pelas 14 horas, na Sede Social, com a seguinte ordem do dia:

- 1.^o—Discutir, aprovar ou modificar o Relatório e Contas da Direcção e o Parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1952.
- 2.^o—Tratar de qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Aveiro, 14 de Março de 1953

O Presidente da Mesa da A. Geral,

Carlos Gomes Teixeira

Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos

S. A. R. L.

AVEIRO

Convocatória

Nos termos do Art.^o 22.^o dos nossos Estatutos, são convidados os Senhores Accionistas a reunirem em Assembleia Geral Ordinária, no próximo dia 31 do corrente, pelas 14 horas, na Sede Social, em Aveiro, a fim de discutirem e votarem o "Relatório e Contas" da nossa Direcção e o "Parecer do Conselho Fiscal", referentes ao exercício de 1952, e bem assim procederem à eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1953-1955.

Aveiro, 6 de Março de 1953

O Presidente da A. Geral,

a) Alberto Souto



As mais lindas rosas de Portugal

As mais famosas árvores-de-fruto

Arvores florestais

Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catálogo, que é enviado grátis.

Moreira da Silva & F.^{os} L.^{da}

Rua D. Manuel II, 55 - PORTO

Prédio Urbano

Vende-se em Aveiro, situado na Rua de Manuel Firmino, com duas frentes, uma para esta rua e outra para o Largo Maia Magalhães, com rez-do-chão, 1.^o e 2.^o andares e pequeno jardim, com entradas independentes. No 1.^o andar está instalada a Legião Portuguesa. Rende 21.600\$00. Tratar em Aveiro com o solicitador José Robalo.

Teatro Aveirense

S. A. R. L.

AVEIRO

Assembleia Geral Ordinária

(2.^a CONVOCATÓRIA)

Nos termos e conforme o preceituado nos Estatutos desta Sociedade, convido a reunião da Assembleia Geral para o dia 29 do mês corrente, (2.^a Convocatória), pelas 16 horas, na Sede Social, para eleição da Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal para o triénio de 1953-1955.

Aveiro, 14 de Março de 1953

O Presidente da Mesa da A. Geral,

Carlos Gomes Teixeira

Trespasa-se

Casa de mercearia e vinhos, na Rua Hintze Ribeiro, n.^o 20 e 22. Ali se informa.

Dactilógrafo

Aceita qualquer espécie de trabalhos.

Rua Visconde da Granja, 13 - AVEIRO.

A LIÇÃO MAGNÍFICA DE UMA VIDA

Nas homenagens que há pouco a Acção Católica Portuguesa prestou ao Senhor D. Domingos da Apresentação Fernandes, o Senhor Arcebispo de Mitilene, D. Manuel Trindade Salgueiro, proferiu o seguinte importantíssimo discurso, que hoje arquivamos gostosamente nestas colunas:

A Acção Católica Portuguesa tem conhecimento perfeito do que deve ao esforço de V. Ex.^a Reverendíssima, exercido sempre com raro talento de organizador, com exemplar espírito de sacrifício e com tenacidade inquebrantável, nos cargos difíceis de Assistente dos serviços centrais e de vários serviços diocesanos de Lisboa, e de Secretário da Junta Central. Por isso, esta singela homenagem — presença comovida de Dirigentes, Associados e Assistentes — é acto de alto apreço e de gratidão fervorosa. Um novo, de inteligência clara e de coração magnânimo, alma ardente de apóstolo para quem não existem obstáculos invencíveis, dirá em nome dos leigos o que os leigos, nesta hora de júbilo e de saudade, pensam do grande Dirigente que foi V. Ex.^a Reverendíssima. O Presidente da Junta Central está assim desobrigado de falar do Secretário Geral, em nome dos Dirigentes, embora muito de bem tivesse a dizer. Mas deve e quer fazê-lo como Assistente Geral da Acção Católica, em nome de todos os Assistentes das Organizações e seus Organismos, que em Portugal inteiro abnegadamente trabalham nos quadros desta providencial milícia da Igreja.

A acção do Assistente, verdadeira alma da Acção Católica

Pretende a Acção Católica dar aos leigos o lugar que na esfera do apostolado lhes compete, por natureza de cristãos e por necessidade imperiosa das circunstâncias actuais. Eles constituem, no plano de execução, o prolongamento indispensável da Hierarquia, no meio em que exercem seus misteres.

Mas tal apostolado, para se alimentar de seiva divina, precisa da acção do Assistente, verdadeira alma do Movimento.

Para que a sua acção seja fecunda, o Assistente tem de viver intensamente o seu sacerdócio — iluminado de fé, enriquecido no sacrifício, sobrenaturalizado pela caridade. Quer dizer: o Assistente deve ser estruturalmente Padre, de sobrenatural vida interior. Repete-se a palavra de Lipert, já citada algumas vezes: «A nossa alma projecta a sua irradiação muito para além da nossa esfera consciente. Onde quer que um homem bom, puro, e submisso à voz de Deus, vive, reza, sofre e morre, aí se acende um foco de calor divino».

Se de todos se pode fazer a afirmação, tratando-se do

Nunca perguntou até onde ia o seu dever porque sempre considerou dever dar-se generosamente e sem reservas

— disse o Senhor Arcebispo de Mitilene do nosso venerando Prelado Auxiliar

Padre ela tem significado mais profundo, porque, sendo o sacerdócio de Jesus Cristo, o único sacerdócio perpétuo e universal, todos os padres, ordenados sob a Lei Nova, devem formar um com Ele, e participam do seu próprio sacerdócio. Esta misteriosa participação dos Padres na oblação de Cristo por nós impõe-lhes o dever de se oferecerem inteiramente a Ele. Na conhecida expressão de S. Paulino, Cristo é a vítima do Seu sacrifício, e nEle e por Ele também os Padres se tornam vítimas do mesmo augusto sacrifício.

Nem há necessidade de alongar palavras para mostrar que a suprema dignidade do Padre consiste nessa união com o Sacerdote Divino, de modo que, oferecendo em cada dia ao Pai a oblação eterna de Jesus Cristo, oferece-se a si mesmo, em espírito de sacrifício pessoal e voluntário. Deste modo, o sacerdócio católico é, por Cristo, um acto permanente de louvor, de acção de graças e de súplica, entre o céu e a terra.

Luz e vida de Cristo

Assim, o primeiro dever do Assistente consiste em ser luz e vida de Cristo, verdadeiramente outro Cristo, na

definição inspirada. Daí, a sua irradiação sobrenatural, sem o que todo o seu apostolado será externo, estéril e efémero.

Esta acção, invisível mas real, comum a todos os Padres, especifica-se no Assistente, como delegado da Hierarquia, pela missão que o Estatuto resume assim:

manter e defender a integridade da fé, da moral e da disciplina da Igreja;

formar, assistir e animar os associados da Acção Católica, em ordem do seu apostolado.

A quase vinte anos da instituição da Acção Católica, em Portugal, já hoje existe um escol numeroso de leigos que lucidamente compreendem o sentido destas palavras.

A Acção Católica é um Movimento apostólico da Igreja que, para a sua fecunda actividade, exige uma sólida estruturação. Isso supõe organização robusta, em quadros perfeitos e intensamente vividos.

Mas tal não se consegue, sem disciplina forte e una, que se fundamenta nas claridades e na ortodoxia da fé, na austeridade da moral cristã, e no fervor missionário de proselitismo conquistador de almas.

O Assistente é a sentinela vigilante dessas qualidades apostólicas.

Consciência e técnica dos militantes

Evidentemente, para a acção actual e irradiante, os militantes devem possuir plena consciência das suas responsabilidades religiosas e conhecimento sério da técnica que um Movimento desta natureza reclama. Por outras palavras: o apostolado moderno exige cuidadosa formação espiritual e contínuo aperfeiçoamento de métodos.

O Assistente, sem pretender dirigir, sem substituir os leigos, sem coarctar a sua acção, por força da lei que interpreta a vida, deve estar presente em todas as actividades colectivas.

Todavia, para além delas, há uma influência pessoal, ainda mais persuasiva e íntima, que ele não pode omitir nem descuidar. Só assim o apostolado dos leigos, livres em suas realizações, será informado pelo espírito do Assistente que em horas de desalento, e até em todas as horas, afinal, animará o Movimento com as luzes e as sobrenaturais energias do seu sacerdócio.

Há ainda um pormenor que se nos afigura de importância capital. Normalmente, os Dirigentes de Junta ou de Organização podem mudar,

decorridos os três anos do seu mandato, e os Dirigentes de Organismo em cada ano. Para que o movimento não sofra alteração nem desvio em seu ritmo, é preciso haver ao menos um elemento de ligação entre os elementos que saem e os elementos que entram no corpo directivo. Ao Assistente, para cuja actividade não se fixa limite oficial de tempo, cumpre assegurar a continuidade.

E mais não nos detemos sobre este capítulo fundamental da Acção Católica.

A lição de uma vida

Ex.^{mo} e Reverendíssimo Senhor:

A doutrina, sucintamente exposta, é luminosamente esclarecida pela lição da sua vida. Fiel às inspirações da graça, V. Ex.^a Reverendíssima soube ser sempre uma luz de fé, serena e ilustrada. Padre acima de tudo, o seu sacerdócio é realidade ardente, na qual se reflectem misericordiosos dons de Deus e a harmoniosa e íntima união com Jesus Cristo, o sacerdote eterno.

Inexcedivelmente zeloso, multiplicou magnificamente a sua actividade em escritos, em pregação, em reuniões, em cursos, promovendo e auxiliando assim a formação espiritual e técnica dos milhares de elementos que assistiu. Nunca perguntou até onde ia o seu dever, porque sempre considerou dever dar-se generosamente e sem reservas.

Seguro na orientação, compreensivo em suas atitudes, jamais absorveu, diminuiu ou contrariou os legítimos direitos dos Dirigentes ou dos simples associados. A sua presença foi sempre efectiva e firme, sem constituir entrave.

A sua perseverança é ilustrada pelos muitos anos que serviu na L. C. F., na J. C. F., em quase todos os Organismos dessas Organizações, e, ao depois, na assistência da Junta Diocesana de Lisboa, na Direcção nacional da J. C. e na Direcção Geral e Diocesana da J. A. C.

V. Ex.^a Reverendíssima pode apontar-se a todos, como exemplo e modelo de Assistentes eclesásticos.

Por isso mesmo, a saída de V. Ex.^a Reverendíssima abre uma lacuna grave, nos quadros da Acção Católica Portuguesa, que sempre lembrarão o Assistente infatigavelmente dedicado e apaixonadamente actual. Abençoam-se os desígnios da Providência, na certeza, aliás, de que esta Cruzada, apesar de outros novos trabalhos apostólicos, que pesarão sobre seus ombros, continuará a ter em V. Ex.^a Reverendíssima um grande amigo.

Serviu infatigavelmente bem. Continuará a servir de igual maneira — a sua maneira.

Com admiração, com reconhecimento, com amizade, por toda a vida o acompanhará a devoção da Acção Católica Portuguesa.

A minha elevação ao cargo do Episcopado constituiu uma alegria da grande família que é a Acção Católica

— afirmou ao agradecer o Senhor Bispo Auxiliar

Agradecendo a homenagem da Acção Católica Portuguesa, o Senhor D. Domingos Fernandes pronunciou o discurso que a seguir reproduzimos na íntegra:

Envolvido nesta manifestação da vossa simpatia que sei ser amiga e sincera, apraz-me reviver as horas inolvidáveis da juventude que decidiram da minha orientação até ao momento presente.

Quando a Igreja em Portugal foi sacudida fortemente pelo vento tempestuoso da perseguição, a minha alma de rapaz vibrou em revolta, contra a violência e contra a injustiça com que foram tratados os Bispos e os sacerdotes da Santa Igreja.

Vi-os enxovalhados e insultados na praça pública, denunciados às iras das multidões ignoradas, desterrados

das suas dioceses, e levados até aos tribunais, considerados criminosos de direito comum, assinalados com o ferrete da ignomínia.

A minha querida diocese estava orfã do seu Pastor, o Ascebispo de Braga por cujas mãos sagradas eu fora admitido à comunhão do Corpo de Cristo sacramentado pela primeira vez, e de quem recebera a unção crismal de soldado de Cristo.

Partilhava eu da sensação de orfandade em que viviam dolorosamente todos os fiéis quando outros Bispos, desterrados das suas dioceses, apareciam no meio de nós.

A minha capa negra de estudante atapetava com as dos outros meus colegas, em homenagem de veneração, de reparação e de protesto, os caminhos do exílio dos grandes Prelados D. António Bar-

bosa Leão e D. António Barroso, como cobriam o chão calçado pelo novo e glorioso Arcebispo Vieira de Matos, quando assumira o governo da minha velha Braga.

O espectáculo sombrio daquelas horas de treva, a visão de sacerdotes, venerandos pela idade e pela virtude, esbofeteados nas ruas, proibidos de exercerem o seu ministério de paz e de bondade, vigiados nas suas palavras e nas suas atitudes como elementos preciosos à vida social, a iniquidade da perseguição aos Pastores da grei do Senhor, geraram na minha alma juvenil, com a mágoa pelas dores da Santa Igreja o ideal do sacerdócio.

E dos bancos do Liceu parti, a encerrar-me no silêncio estudioso e meditativo do

(Continua na 4.^a página)

A lição magnífica de uma vida

(Continuação da pág. 3)

Seminário, num movimento de reacção que julgo ter entrado no chamamento amoroso do Senhor.

Quando surgiu o movimento da Acção Católica em Portugal

Vivia-se, então, a hora alta do despertar da consciência católica para uma adesão sincera à Hierarquia para que os problemas da Igreja fossem considerados no seu plano transcendente, sem compromissos com facções políticas e em plena libertação de interesses transitórios.

Desenhava-se o clima espiritual para os filhos de Deus, chamados a cerrar fileiras em torno dos seus Pastores a fim de que, com eles, desenrolassem na Casa lusitana os combates do apostolado católico.

Já a Hierarquia começava a poder contar com a colaboração dos leigos libertos de influências estranhas aos altos ideais da salvação das almas.

Quando em 1933 o nosso Venerando Episcopado, correspondendo ao apelo do imortal Pio XI, lançou em Portugal a ofensiva cristã, no seu sentido profundo e renovador das energias católicas adormecidas durante largo espaço de tempo e a Acção Católica Portuguesa surgiu nos horizontes da nossa querida Pátria com a promissora esperança de melhores dias, saudei-a no íntimo da alma com a convicção funda de que, por ela, viria à Igreja, em Portugal, nova era de dinamismo, de entusiasmo, de virtude e de santidade, a retomar o fio das remontadas épocas apostólicas da cristandade primitiva.

E vi-me, um dia, por determinação do Episcopado, no meio de vós, a assumir responsabilidades graves de transmissor do pensamento da Hierarquia.

Fazia-se, então a doutrinação sistemática e profunda, ao longe e ao largo, nos cenáculos dos apóstolos de nossos dias, mercê da dedicação de padres e leigos de escol que percorriam o País a levar a boa nova aos melhores valores da comunidade cristã, para as virtualidades da fé, do Baptismo e do Crisma dêem o seu máximo rendimento, numa dependência da Hierarquia.

O mistério do Apostolado e o mistério da Hierarquia

Em período algum da história religiosa de Portugal se fez tamanha difusão dos princípios cristãos que devem informar o indivíduo, a família e as instituições humanas como aquela que a Acção Católica Portuguesa, como Organização oficial tem produzido e realizado.

O mistério do apostolado e o mistério da Hierarquia foram postos em plena luz à inteligência e ao coração dos fiéis, a doutrina do Corpo místico de Cristo que fez os san-

A minha elevação ao cargo do Episcopado constituiu uma alegria da grande família que é a Acção Católica

tos e os mártires das primeiras horas encantou, enamorou as almas de fino quilate; a adesão consciente dos leigos aos sucessores dos Apóstolos tornou-se uma realidade viva em nossos dias.

A própria definição da Acção Católica—participação ou colaboração dos leigos no apostolado hierárquico—proclamada e ensinada em toda a gama de tons, ao alcance de todas as inteligências, deslumbrou as almas de boa vontade, na luz de uma grande revelação.

Surgiu nos espíritos a compreensão da paternidade espiritual que a Hierarquia possui no seu tríplice poder; entendeu-se melhor o magistério da Verdade, o ministério da santificação, a missão de governo que Jesus Cristo confiara aos Apóstolos em ordem a uma acção vivificante do mundo.

A Pessoa do Papa,—o doce Cristo na Terra—encontrou nos corações o lugar de Cristo visível no mundo; a pessoa do Bispo aureolou-se, aos olhos dos fiéis, com a luz que revela a figura dos Apóstolos presidindo à vida cristã; a própria personalidade do pároco desenhou-se com mais perfeição, como condutor da pequenina porção do único rebanho de que Jesus Cristo é Pastor; a Igreja tomou aos olhos de todos as proporções grandes da catolicidade que transpõe os limites apertados das regiões ou das Nações, para a todos seduzir e conquistar como Cidade de Deus

e seu Reino espiritual no mundo.

Colaboração dos leigos com a Hierarquia

Ao mesmo tempo, e graças ainda à Acção Católica, acordaram as almas para o dever do apostolado de colaboração com a Hierarquia, não apenas pela oferta de alguns serviços, mas pela execução leal, sincera e responsabilizada das ordens dimanadas daqueles que detêm o poder e a missão.

Este dever de apostolado colaborante e independente, qual prolongamento do braço da Hierarquia até às regiões ou zonas de vida que se furtaram à acção santificadora da Igreja, foi havido como problema de consciência por muitos católicos, membros da sociedade espiritual e divina, ao mesmo tempo que cidadãos do terrestre; compreenderam eles que lhes cabia a missão de organizar o mundo profano para o ofertar à Igreja; compreenderam que sobre seus ombros pesava o encargo que é missão sublime, não só de darem testemunho de um cristianismo vivido mas de penetrarem de espírito cristão todas as instituições e todos os agrupamentos humanos.

Em verdade, a Acção Católica realiza a ordem do Sumo Pontífice Pio XI na sua encíclica *Ubi arcano* quando lembra que os leigos, em fileiras cerradas em volta dos seus Pastores e dos seus sa-

cerdotes, constituem o exército de Deus e vivem o seu sacerdócio real e são a gente santa e o povo da aquisição.

E tudo isto que vai feito resulta numa floração de verdade, de virtude, da santidade e de apostolado e numa admirável comunidade familiar. A Acção Católica é, em Portugal de lés-a-lés, uma grande família, como a Igreja.

Tenho-o sentido e vivido, com forte emoção, nestas horas decisivas na minha vida de sacerdote.

Num só coração e numa só alma

As provas de carinho recebidas de todos os recantos de Portugal, das Ilhas adjacentes e do Ultramar, afirmações de amizade e de contentamento que muito me confundem, atribuo-as, não à minha pobre personalidade, mas ao espírito de família que a todos nos une, num só coração e numa só alma.

A minha elevação ao cargo do Episcopado constituiu uma alegria da grande família que é a Acção Católica.

Dignou-se Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo de Mitilene, muito ilustre Assistente-Geral, honrar-me, neste momento solene, com a sua presença veneranda e com a sua palavra amiga, traduzindo o sentir dos Rev.^{os} Assistentes eclesásticos.

Tenho presente que no dia em que fui chamado a ocupar o cargo de Secretário-Geral reivindiquei para os Assisten-

tes dos Serviços Centrais o direito que lhes assiste de serem considerados como a equipa de padres portugueses que mais se sacrificam pela Igreja e menos compreendidos são nestas labutas do apostolado moderno. Senti sempre que, sem a sua colaboração, dificilmente poderia desempenhar a minha missão. Neste momento de despedida quero testemunhar-lhes, e nelles a todos os Assistentes do País inteiro que tão unanimemente me saudaram, a mais profunda gratidão com o pedido de me desculparem de todas as faltas.

O sr. eng. Menezes e Cruz fez-se eco da generosidade e da simpatia dos Dirigentes.

Final, quem contraiu dívida insolúvel perante todos os Dirigentes, como perante todos os membros da Acção Católica Portuguesa fui eu, que de todos eles muito aprendi do espírito de sacrifício, da abnegação, do zelo apostólico e da paixão pelo triunfo da Igreja.

Apetecia-me denunciá-los, nesta assembleia de crentes, de todas as suas magníficas e por vezes, heróicas atitudes. Eu conheço-as e podia com elas escrever páginas sublimes esmaltadas de feitos admiráveis, tecidos de lágrimas e sangue de martírio que muito se aproximam do que os Actos dos Apóstolos nos descrevem.

Procurei sempre compreender, respeitar e admirar a excepcional posição dos leigos na Acção Católica, chamados a assumir a sua maioridade e a sua responsabilidade na vida da Igreja.

Vi-os competentes e apaixonados, convictos da missão que a Igreja lhes atribuiu no mundo profano e dei graças a Deus porque já há muitos católicos trasladados da passividade para a actividade católica.

"Não vos esquecerei..."

Levo na alma a lembrança viva e reconhecida de tantos que pensam, sentem, e agem em plena harmonia com a Hierarquia. E esta lembrança é lição que se não pode esquecer.

Deles todos se pode dizer, numa actualização da palavra agradecida de S. Paulo aos Tessalonicenses, que constituem a coroa e a alegria do Episcopado.

De mim próprio, nada tenho a dizer a não ser que levo pena do bem que não fiz e do bem que fiz mal.

As homenagens que me são prestadas deponho-as humildemente aos pés do Vigário de Cristo na Terra e aos pés do Eminentíssimo Cardeal Patriarca, Director insigne da Acção Católica Portuguesa.

A minha gratidão para com todos vós será inapagável. Não vos esquecerei na patena do sacrifício.

Lembrar-vos-ei na cruz peitoral.

Amigos: Perdoai, obrigado. Adeus.

AUDIÇÃO DO GRUPO CORAL ALELUIA

Com fins beneficentes, e por iniciativa dimanada do ilustre governador civil do distrito, sr. coronel Dias Leite, o consagrado Grupo Coral Aleluia, que às preocupações artísticas alia, amiudadas vezes, propósitos filantrópicos, efectuou no passado dia 27 de Fevereiro, no Teatro Aveirense, a sua anunciada e desejada audição.

O magnífico agrupamento orfeónico, que tanto tem prestigiado e difundido o nome de Aveiro, quer em concertos públicos, quer em emissões radiofónicas, não voltara a cantar directamente para o público da sua terra desde a sua brilhantíssima actuação em Vigo, Pontevedra e S. Tiago da Compostela, onde, em fins da primavera passada, não só alcançou verdadeiros triunfos artísticos, mas realizou uma obra altamente meritória de divulgação da música portuguesa—expressivamente demonstrados nas calorosas reacções do público e nas laudatórias referências dos críticos.

O concerto em que o público aveirense teve agora ensejo de mais uma vez apreciar e aplaudir o excelente conjunto foi a confirmação dos seus recursos e qualidades. A coordenação, a justeza, o equilíbrio, a capacidade interpretativa e de expressão atingiram um nível muito elevado. Num programa de múltiplas dificuldades, com obras de diferentes épocas e estilos, abrangendo desde a música espiritual da mais pura e acentuada elevação até às composições

radicalmente folclóricas, o Coral Aleluia proporcionou à interessada assistência versões de clareza e fidelidade impecáveis e de rara beleza.

Se houvessemos de estabelecer distinções, destacaríamos entre todas as excelentes interpretações, «In Monte Oliveti», de Fr. Manuel Cardoso, «O Vos Omnes», do Padre Mestre Francisco Martins, duas peças das mais representativas da velha escola polifónica portuguesa, a que o coral deu a mais aprimorada expressão, e o canto de Natal «Reis de Balões», de Fernando Lopes Graça, a nove vozes, muito sugestivo e no qual o conjunto revelou, da melhor maneira, a sua segurança e moleabilidade.

Uma referência especial à solista Tereza das Neves, agora com inteira confiança na sua voz de rico e límpido timbre e, para terminar esta curta notícia, as nossas mais efusivas saudações a Carlos Aleluia, temperamento de artista e organizador, que dispozo de um «instrumento» de invulgar qualidade, como é o seu coral, evidencia uma superior sensibilidade e um bom gosto que não é demais encarecer. Felicitando-o pela obra artística que dia a dia vem erguendo a maior altura, exprimimos-lhe a impressão do público que o aclamou vibrantemente, afirmando-lhe que raríssimas vezes se ouviu em Aveiro um concerto de música coral que tanto tenha prendido, convencido e enlevado a assistência.

O nosso Domingo

IV Domingo da Quaresma

TODA a Missa de hoje está impregnada de um forte sentimento de alegria. A medida que passam as semanas deste tempo santo da Quaresma, as almas crentes reconhecem que se aproxima a hora do resgate e da salvação. Laetare! «Alegra-te, Jerusalém, e vós os que a amais, uni-vos à sua felicidade» — é o grito entusiástico que a Igreja faz ouvir em todos os lugares do mundo Jesus, morrendo por nós no Calvário, destruiu o império do pecado e inaugurou o reino da graça e do amor. Trouxe à alma humana, ferida por inumeráveis faltas e torturada por indizíveis dramas de consciência, a graça santificante, que «diviniza» e transfigura a natureza, tornando-nos filhos de Deus. E esta união a Cristo, pela vida sobrenatural, é penhor de eterna ressurreição e de alegria permanente.

Só compreenderão o sentido profundo da liturgia deste domingo quaresmal as almas grandes que um nobre ideal de santidade ilumina e reconforta. Os santos e todos os que, em hora de bênção celeste e de energia de vontade, deixaram o pecado e enveredaram pelo caminho do bem, sabem apreciar a felicidade que o Senhor derrama nos corações que O amam. E' paz, que compensa todas as lutas; prazer sobrenatural, que paga superabundantemente todos os sacrifícios. Ninguém, como o Divino Mestre, retribui, em tão alta escala, o amor e a dedicação que Lhe consagramos.

Jesus é, em verdade, o nosso grande Amigo!; a Alegria perene das almas generosas!

★

Reuniam-se outrora os fiéis de Roma com o Pontífice e o clero, neste domingo, na igreja de Santa Cruz, denominada na Idade Média por Santa Jerusalém. Era ali, naquele ambiente de religiosidade e de recordações da Paixão de Cristo, — (em virtude de lá existirem algumas relíquias do Divino Crucificado) — que eles tomavam parte nos divinos mistérios. E' esta a razão, porque tantas vezes na Santa Missa de hoje ouvimos referências à pátria judaica — teatro dos acontecimentos nos-siânicos.

Fortalecidos pela oração e estimulados pelo exemplo e sacrifício do Mártir do Gólgota — que em Santa Cruz tão eloquentemente é recordado — os cristãos preparavam-se para fazerem a comunhão pascal. Realmente, o último passo da vida cristã, na escalada da santidade, é a União a Deus. «A quem prepara a sua Páscoa pela renúncia ao mal e pela detestação do pecado (purificação — 1.ª Domingo), — Cristo manifesta-se na luz, na força, na abundância da graça (iluminação — 2.ª Domingo); — quando a alma segue a Cristo, defende em si o dom divino e persevera no bem (perseverança — 3.ª Domingo), — o Senhor chama-a carinhosamente à união consigo, simbolizada e de facto realizada pela Comunhão, em modo especialíssimo pela Comunhão pascal». Neste sentido se faz ouvir no Evangelho o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes.

Fascinada pela doutrina sublime de Jesus, uma grande multidão o seguia e rodeava. O Mestre, desejoso de uns momentos de repouso e recolhimento, resolveu deixar Cafarnaúm e viajar, através do lago de Tiberíadas, para as «terras quase despovoadas que se estendem a sul de Bethsaida — Juliade». Porém, logo que os circunstâncias tiveram conhecimento de que o extraordinário «Profeta» se reti-

rara do meio deles, esforçaram-se por descobrir qual a direcção que tinha tomado. E sabendo-a, dirigiram-se para aquela região, tendo feito uma penosa caminhada de mais de dez quilómetros. Quando o Senhor desembarcou, já os seus ouvintes lá se encontravam a aclamá-lo, cheios de alegria. Prescindindo do descanso, Jesus seguiu para o monte acompanhado dos discípulos e do povo. E aí, no cenário maravilhoso da montanha, por altura da Primavera, na quadra mais linda do ano «em que a erva se encontra ainda fresca nas colinas, e em que sob um céu de azul claro, os montes se esfumam, salpicados da verdura dos prados e do vermelho das anémonas», — o divino Taumaturgo realizou o extraordinário milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, para alimentar aquela multidão imensa que o seguia apaixonadamente. Entusiasmados, à vista de tão insólito como inesperado prodígio, aqueles homens, testemunhas do milagre, quiseram aclamá-lo rei. Jesus, porém, porque era outra a sua missão, «retirou-se de novo, sozinho, para a montanha».

Episódio maravilhoso — o Milagre da multiplicação dos pães —, além de esplendor nitidamente a divindade de Jesus, é figura admirável da Eucaristia. Esta é Cristo a continuar-Se no tempo e a prolongar-Se no espaço; é o «pão da vida», que alimenta as almas na escalada do Céu. Aquele que come deste pão viverá da vida eterna — disse Jesus. Unidos a Cristo pela comunhão, a vida divina difunde-se em nós e enche-nos a almas de santas alegrias.

★

No meio das lutas e misérias da existência; apesar das forças do mal e do império das paixões — a presença, na Terra, da divina Eucaristia é sinal de triunfo e certeza de

A Sagração Episcopal

do Senhor Bispo Auxiliar de Aveiro

(Continuação da 8.ª pág.)

triunfo pelas naves do templo, a abençoar todos os fiéis, os quais genuflectem à sua passagem para receber as primícias de bênçãos do unguido do Senhor, que com a cabeça e as mãos ainda perfumadas pelo santo Crisma, e a alma repleta dos dons do Espírito Santo, vai distribuindo bênçãos aos presentes. Quando passam junto da porta principal da Igreja, do limiar desta o Sagrado lança uma bênção a toda a cidade, à Diocese a todos os ausentes, a todos aqueles que, impossibilitados de assistir corporalmente, estão contudo presentes em espírito a esta grandiosa cerimónia: a todos eles, neste momento, o novo Bispo envia, num acto de santo amor paterno, a sua bênção pontifical.

Antigamente esta cerimónia fazia-se com mais aparato. Realizava-se a entronização num trono portátil, numa sede gestatória como a do Pontífice Romano, e nela era o novo Bispo levado aos ombros através das naves da igreja, a exercer pela vez primeira o ofício de abençoar, que vai ser a função por excelência de toda a sua vida.

De regresso ao Altar-mór, senta-se novamente no faldistório, onde permanece até ao fim do *Te Deum*, que remata por uma oração *pro Consecrato*, cantada pelo Sagramente.

Depois o novo Bispo ergue-se, e dá finalmente a sua primeira bênção pontifical solene; e esta bênção geral é recebida por todos, inclusive pelo Arcebispo Sagramente, o qual também inclina a cabeça, para que sobre ela trace as cruzes rituais aquele seu filho dilecto em Jesus Cristo.

Que resta agora? Um agradecimento comovente.

O novo Bispo, assim paramentado como está, cami-

nitória. Suscita heroísmos e alimenta, em chama alta, o fogo da caridade.

Sabam as nossas almas recebê-la condignamente!

J. P.

A tua Missa

15 — IV Dom. da Quaresma. Mis. prop.; sem Gl; 2.ª or. A cunctis; 3.ª or. Omnipotens; Cr; Pref. Quaresmal. Cor roxa.

16 — Mis. da Féria prop.; orações como no dia 15. Cor roxa.

17 — S. Patrício. Mis. Statuit; 1.ª or. prof.; 2.ª or. e últ. Ev. da féria — ou Mis. da féria (cor roxa); sem Gl; 2.ª or. da festa.

18 — S. Cirilo. Mis. In medio; 2.ª or. e últ. Ev. da féria — ou Mis. da féria (cor roxa); sem Gl; 2.ª or. da festa; sem Cr.

19 — S. José. Mis. prop.; 2.ª or. e últ. Ev. da féria; Cr e Pref. próprio. Cor branca.

20 — Mis. da féria próp.; orações como no dia 15.

21 — S. Bento, Abade. Mis. Os justis do comum dos Abades; 2.ª or. e últ. Ev. da féria — ou Mis. da féria (cor roxa); sem Gl; 2.ª or. da festa.

nha para o Sagramente e Assistentes, e, flectindo três vezes o joelho, formula o tríplice — *Ad multos annos!* — *Ad multos annos!* — *Ad multos annos!* —, rematando pelo fraterno ósculo de paz.

E todos os que tiverem a grande dita de assistir a tão belas e sublimes cerimónias,

com a alma transbordando de comoção religiosa, não deixarão de erguer fervorosas orações a Deus Nosso Senhor para que cumule de graças o novo Prelado, a fim de ser fecundo em frutos de salvação o seu pontificado, que vai iniciar nesta Diocese de Aveiro.

★

Instruções

A comissão encarregada das cerimónias da sagração do Senhor Bispo Auxiliar torna públicas, por este meio, as seguintes instruções:

1 — No dia 19, as Missas das 6,30 e 8,30 horas, que habitualmente se celebram na Sé, serão na igreja de Jesus.

2 — A Sé abre somente às 9 horas, e a entrada deve fazer-se com toda a ordem, em obediência às determinações dos agentes da P. S. P. e das pessoas encarregadas dos respectivos serviços.

3 — Estará montada, para fora do templo, uma aparelhagem sonora, permitindo ouvir-se a explicação de todas as cerimónias.

4 — Muito se recomenda aos fiéis que adquiram o opúsculo «Ritos da Sagração dos Bispos», para seguirem todas as cerimónias. O livro vende-se, desde já, no Paço Episcopal, ao preço de 2\$50, e elementos da Acção Católica o distribuirão depois à entrada na Sé Catedral.

5 — O Senhor Bispo Auxiliar recebe os cumprimentos do clero, no Paço Episcopal, às 17 horas, e os da Acção Católica, no mesmo local, às 17,30.

6 — De acordo com o Comando da P. S. P., o trânsito fica regulado como segue:

Acesso — Todos os carros que se dirijam à Sé, mesmo os dos Prelados e das entidades oficiais, devem subir a Rua de Santa Joana; os que procurarem o acesso pela Rua da Fonte Nova, devem tomar depois a Rua do Rato (aberta nesse dia ao trânsito no sentido Nascente Poente) para entrarem na Rua de Santa Joana.

Estacionamento — Os carros dos Prelados e das entidades oficiais poderão estacionar na Rua de Santa Joana (lado Sul); os restantes estacionam no Largo da Fonte Nova e nas ruas que circundam o Liceu.

Saída — O escoamento das viaturas é todo feito pela Rua de Caçadores 10.

Nota — Para evitar o congestionamento na Rua de Eça de Queirós e junto à Rua de Santa Joana, o trânsito de entrada na cidade faz-se, durante a duração das cerimónias, pela Avenida de Araújo e Silva.

OURIVESARIA CARVALHO

OURO JOIAS PRATAS RELÓGIOS

Tudo a prestações com bonuns
Cada semana 10\$00 !!!

Pode, agora, V. Ex.ª adquirir VALIOSAS JOIAS ou decorar a sua casa com RICAS E ARTÍSTICAS PRATAS, por PREÇOS VANTAJOSOS e com grandes facilidades de pagamento.

É uma BOA OURIVESARIA, que lhe garante a MODICIDADE dos seus preços, um VASTO SORTIDO e sempre o MAIOR DESEJO em BEM SERVIR.

Tudo a prestações

Para mais informações dirija-se à

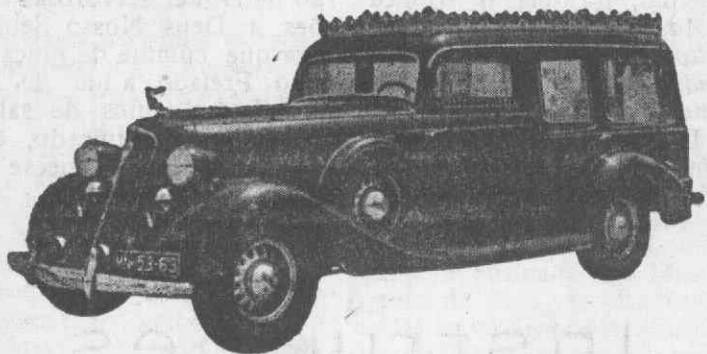
Ourivesaria Carvalho

Av. Dr. L. Peixinho, 56 — Telef. 557

AVEIRO

Agência Funerária de
Manuel Martins de Almeida
Borralha — Agueda

TELEFONE 47
SERVIÇO PERMANENTE



E' a casa que serve sempre em melhores condições
Encarrega-se de Funerais completos de todas as classes, em Agueda ou em qualquer ponto do País, por preços módicos. Urnas de mogno, pau santo e outras madeiras e caixões para todos os preços, transladações para qualquer cemitério do País — Encarrega-se de toda a documentação — Máxima seriedade

Evita os bochechos de
clorato de potássio

Florodental
(CREME)
O ÚNICO DENTIFRICO NACIONAL
QUE SUPLENTE OS ESTRANGEIROS
Distribuidor Geral: MORRIS CALADO - Aveiro - Telef. 149

**A' venda
nas boas casas**

Agência Funerária Capela

DE

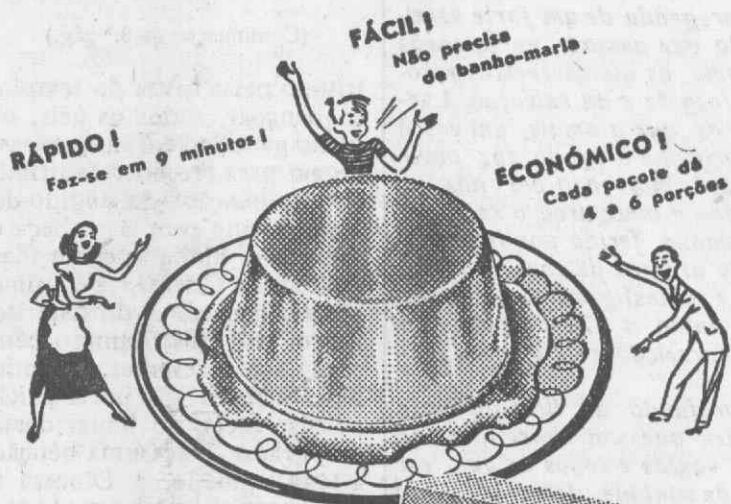
AMÉRICO DIAS CAPELA

Serviço permanente
Chamadas a todas as horas

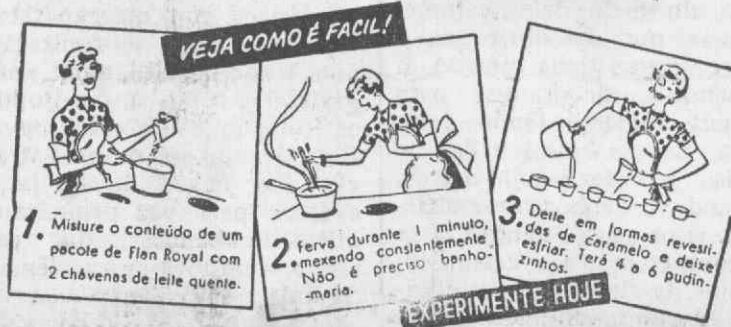
ESGUEIRA AVEIRO - TELEF. 304

Uma autêntica maravilha

FLAN ROYAL



Num abrir e fechar de olhos, pode preparar um finíssimo Pudim de Flan, de sabor delicioso que agrada a grandes e pequenos. O Flan Royal é um feliz recurso para as donas de casa. Uma sobremesa fácil de preparar, alimentícia e sã: deliciosa para toda a família e convidados.



NEA HELLAS
17.000 TONS

GREEK LINE
SERVIÇO EXPRESSO

Lisboa — Canadá
New York

Paquete rápido
"NEA HELLAS,"
em 18 de Abril

Os Agentes

Carlos Gomes & C.^a Ld.

15, Rua dos Franqueiros
Telefones 21143 — 21789

LISBOA

FABRICA ALELUIA

AVEIRO

Azulejos — Louças

painéis com imagens

MERKUR



3 tipos de lâminas diferentes
para todas as barbas

Agência Predial

Compra e venda de propriedades.
Empréstimos sobre hipotecas.
Arrendamentos de casas,
avaliações, etc.

Diamantino Simões Jorge

Escritório: Rua 31 de Janeiro, N.º 12-1.º
AVEIRO

Residência:
Taipa — Costa do Valado

Dr. Rui Clímaco

MÉDICO ESPECIALISTA

Antigo interno da Clínica Psiquiátrica de Coimbra

Doenças do sistema nervoso

COIMBRA: Avenida Navarro,
6-1.º — Tel. 4445

EM AVEIRO: Consultas todos
os sábados, às 13 h.

Rua Conselheiro Luís de Magalhães, 43

Pipotecas

FAZEMOS SOBRE
PROPRIEDADES
AO JURO DA LEI
NO PRAZO MÁXIMO
DE 24 HORAS

**DINHEIRO SOBRE
AUTOMÓVEIS**
EMPRESTAMOS QUALQUER
QUANTIA EM 2 HORAS

A Confidente

RUA DE SANTA CATARINA, 108-TELEF. 27011

COMARCA DE AVEIRO

1.º TRIBUNAL

Éditos de 30 dias

1.ª publicação

Na comarca de Aveiro—1.º Tribunal—1.ª Secção e nos autos de execução sumária em que é exequente a Firma Testa & Amadores, sociedade comercial com sede na rua dos Combatentes da Grande Guerra desta cidade e executado Mário Martins da Mota, solteiro, maior, negociante, com último domicílio no lugar do Passadouro, freguesia de Troviscal, comarca de Anadia, mas actualmente ausente em parte incerta da Província de Angola, Africa Ocidental Portuguesa, correm éditos de 30 dias, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando o mencionado executado para, no prazo de 5 dias, decorrido que seja o dos éditos, pagar à firma exequente a quantia de 4.744\$00 custas e mais despesas ou nomear bens à penhora suficientes para o pagamento integral incluindo juros e clausula penal.
Aveiro, 28 de Fevereiro de 1953

O Juiz do 1.º Tribunal,
Alberto Martins Pereira
Servindo de Chefe de Secção,
António Soares Ribeiro

Passagens

Africa-Brasil-Venezuela ou qualquer outro País.
Seriedade absoluta.
Embarques rápidos.
Trata- JAIME PAULO
Agente de Viagens
Telefone, 4 ANADIA

Mande reparar o seu motor na

Garagem Império

Automóveis, Motos, ciclomotores e bicicletas

Máquina de escrever
SMITH-CORONA
SILENT
VENDE-SE

Nesta Redacção se informa.

Hernia



Para a tratar bem — Para a conter perfeitamente e não mais pensar nela

O moderno método Myoplastic - Kleber

sem mola nem pelota, é uma criação do especialista mundial que visita Portugal desde 1949

INSTITUTO HERNIAIRA DE LYON

Flexível, leve, lavável, NYOPLASTIC reforça a parede enfraquecida e mantém os órgãos no seu lugar

Como se fosse com as mãos

Garantida assim a vossa segurança, podereis, como antes, fazer os trabalhos difíceis ou suportar todas as fadigas com todo o tempo. É a razão do imenso sucesso obtido junto dos herniados, ptosicos e operados recidivados, na Suíça, Suécia, Bélgica, Itália, Finlândia e Alemanha. Pela vossa parte, confiai-vos somente a um técnico especializado, de experiência incontestável e que vos informará gratuitamente em:

COIMBRA — Farmácia Viegas & Coelho
Rua da Sofia, 19 — Dias 17, 18 e 31 de Março

AVEIRO — Farmácia Moraes Galado
Rua de Coimbra — Dia 19 de Março

LISBOA — Farmácia Portugal, Lda.
Rua Augusta, 218 — Dias 25, 26, 27 e 28 de Março

Chuveiro Eléctrico "Tri",
Agente em Aveiro
CASA DAS UTILIDADES
Av. Dr. L. Peixinho, 124 — Aveiro

Pensão JARDIM

Situada no mais belo recanto da COSTA DA LUZ

Esplendido serviço de mesa
Bons quartos com casa de banho

Preços módicos
ABERTA TODO O ANO

Anexo:
Est. de Merceria e Vinhos
FORTE DA BARRA - AVEIRO

Casa Nun'Alvares

Paramentaria — Livraria
Artigos religiosos
Tipografia

Rue Santa Catarina, 628
PORTO

Prédio - Vende-se

Com pequeno jardim, rez-do-chão, 1.º andar e águas furtadas habitáveis, com água, instalação eléctrica, sita na R. D. Jorge de Lencastre, n.º 23 a 27.

Para mais informes, Rua dos Arrais, n.º 10—Aveiro.

Mobília de jantar

Em castanho, molduras tremidas, cadeiras de couro lavrado, mesa elástica, holandês rico. Vende-se motivo de retirada. Rua António F. Suceña, n.º 5, 2.º—Agueda.

Trabalhos

de dactilografia, de escritório e escritas, faz Alberto Reis — Rua do Gravito, 97 — Aveiro

Os famosos ciclomotores

Kreidler e Alpino

Vendem-se a prestações, sem aumento de preço na

Garagem Império

Av. Dr. L. Peixinho — AVEIRO

Berta Espanha

MÉDICA

Clínica Geral de Senhoras e Crianças
PARTOS

Ex-interna da Casa de Saúde dos Olivais de Coimbra e com prática na Maternidade de Coimbra.

Consultas todos os dias úteis, das 10 às 12 horas e das 15 às 19 horas.

Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 110-1.º esquerdo
AVEIRO



Soc. Italiana Trasporti Marittimi S. p. A. Genova

Serviço Regular para BRASIL, URUGUAY e ARGENTINA
Os paquetes rápidos (11 dias ao Rio)

«CASTEL VERDE»

esperado em 21 de Março, e

«CASTEL FELICE»

esperado em 14 de Abril para

FUNCHAL, LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS MONTEVIDEU e BUENOS AIRES

recebem passageiros em 1.ª classe, (a partir de Esc. 8.851\$00), terceira camarote e terceira simples

OS AGENTES GERAIS DE PASSAGENS
MANUEL DOS PASSOS FREITAS & C.ª L.ª

Rua do Alecrim, 45-1.º LISBOA — Tel. 35844/5

Editais

Francisco Mateus Mendes, Engenheiro
Chefe da Segunda Circunscrição Industrial.

Faz saber que Carlos de Jesus Almeida pretende licença para instalar uma oficina de latoaria e reparações de bicicletas com soldadura autógena, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de explosão, incêndio e barulho, sita em Olho de Água, freguesia de Esgueira, concelho e distrito de Aveiro, confrontando a Norte, Sul e Poente com caminhos públicos e a Nascente com o requerente.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e afixação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 17 455, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra, na Avenida Sá da Bandeira, n.º 111.

Coimbra e Secretaria da Segunda Circunscrição Industrial, em 4 de Março de 1953
O Engenheiro Chefe da Circunscrição
Francisco Mateus Mendes

ANSELMO GOMES TEIXEIRA


arquitecto
estagiário E.S.B.A.P.

CASA DA PALMEIRA
AVEIRO
TELEFONE 19

Bairro do novo Liceu

Casa de 1.º andar, com quintal e árvores de fruto, aluga-se.

Trata: Luís Duarte, residente no mesmo.


CASA GONZÁLEZ
IMPÕE-SE PELAS NOVIDADES QUE —APRESENTA—

Vende-se

Fábrica de Serração e Carpintaria Mecânica em plena laboração instalada em óptimo local, com amplas instalações e electrificada com maquinismos modernos, situada na Gafanha da Nazaré, à Rua de Ihavo, vende-se metade muito em conta, podendo o comprador ficar na Gerência.

Falar com Ricardo Ferreira Sardo, rua 5 de Outubro—Aveiro.

Fourgonete VOLKSWAGEN

640 kg. carga; consumo 8,5 aos 100.

Vende-se por motivo de retirada ao estrangeiro.

Informa Sapataria Justiça—Aveiro.

Decauville

Vendem-se mil metros de linha, 4 vagonetes, 2 placas, 1 agulha de 5 metros. Dirigir-se a José Nunes, Sarrazola, CACIA

BILHARES NEGUS e FUTEBOL DE MESA

Vendem-se em bom estado.

Informa Café Chic

—AVEIRO—

Pensão de categoria

Passa-se, bem afreguesada, no centro da cidade, com óptimas instalações, com bom mobiliário em estado de novo, água corrente quente e fria, boas casas de banho, etc., etc.

Falar com o proprietário na RUA DE JOSÉ ESTÊVÃO, 18 e 20

AVEIRO

COMARCA DE AVEIRO

Arrematação

2.ª publicação

Por este Juízo-segunda secção e nos autos de carta precatória para arrematação, vinda da comarca de Cantanhede, em que são autores Maria da Conceição e marido e outros, residentes no Brasil e réus Augusto Simões Regalado e mulher Maria da Conceição e outros, de Vilamar, freguesia de Febres, vai à praça para ser arrematado por quem maior lance oferecer acima de metade do seu valor matricial, no dia 14 do corrente mês, pelas 12 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, sito à Praça da República em Aveiro, o seguinte prédio pertencente a autores e reus:—Terra de sementeira e pinhal, no sítio da Choroza, freguesia do Covão do Lobo, no valor de 1.306\$20.

Aveiro, 4 de Março de 1953

O chefe de secção,

João António de Moraes Sarmiento

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

José Luís de Almeida

Editais

Francisco Mateus Mendes, Engenheiro
Chefe da Segunda Circunscrição Industrial.

Faz saber que Albino Rodrigues da Silva & Cunhado, L.da, pretende licença para instalar o fabrico de acessórios de bicicletas com soldadura autógena e pintura à pistola incluída na 2.ª classe com os inconvenientes de barulho, trepidação, emanações nocivas, radiações luminosas, perigo de explosão e de incêndio e cheiro, em Costa do Valado, freguesia de Oliveirinha, concelho e distrito de Aveiro, confrontando a Norte com José Marques, a Sul com Manuel Marques Mostardinha, a Nascente com terrenos da Junta de Freguesia e a Poente com Estrada Nacional.

Nos termos do regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação e afixação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamação por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 17.445, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira, n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, em 4 de Março de 1953.

O Eng. Chefe da Circunscrição
Francisco Mateus Mendes

Azeitona

Preta e branca. Vende J. M. Santos, Bairro do Vouga—Aveiro.

A SAGRAÇÃO EPISCOPAL

DO SENHOR BISPO AUXILIAR DE AVEIRO

(Continuação da 1.ª página)

do supedâneo do Altar, voltado para o povo; o Eleito senta-se em face daquele, tendo aos seus lados os Assistentes, voltados um para o outro.

É um tribunal augusto que ali se encontra constituído.

II — Preliminares da Sagração

Depois de alguns momentos de repouso, os Assistentes e o Eleito erguem-se, inclinam-se saudando o Sagrante, que representa o Pontífice Romano, e o Ex.^{mo} Arcebispo de Braga supplica:

«Rev.^{mo} Padre: — *A nossa Mãe, a Santa Igreja Católica, pede-vos que elevéis ao cargo do Episcopado este Presbítero aqui presente.* — Note-se que não é a honra e dignidade episcopal que se pede; é o ónus, é o cargo. — *Opus, non dignitatem; laborem, non delicias,* comenta S. Jerónimo.

É lida a Bula Apostólica, e o Eleito presta o juramento canónico de obediência e fidelidade à Santa Sé, de zelo e rectidão na administração e governo da Igreja. Este juramento remonta a alta antiguidade; já um cânone do X Concílio de Toledo, em 675, preceituava que ninguém fosse consagrado Bispo sem prestar este juramento, que vincula estreitamente, por laços sagrados, o novo Bispo à Santa Sé e à Diocese que vai servir.

Segue-se um exame feito pelo Sagrante ao Eleito, sobre os seus costumes e propósitos, sobre as virtudes cristãs que há-de praticar e ensinar pela palavra e pelo exemplo, sobre os principais pontos de fé ortodoxa que professa e há-de guardar e defender. Terminado o exame, o Sagrante congratula-se com o Eleito, que das suas mãos vai receber o carácter episcopal, e diz-lhe: — *«Esta fé, que acabaste de confessar, seja-te acrescentada pelo Senhor, e ela te conduza à vida eterna, irmão muito amado em Jesus Cristo».*

Tudo isto são apenas actos preparatórios.

III — Missa dos Catecúmenos

Começa então a Missa, segundo o rito da celebração, que nos vem dos primitivos tempos da Igreja. Celebram-na conjuntamente o Sagrante e o Eleito. Este principia-a em Altar diverso e como simples Presbítero, para depois a continuar e concluir no mesmo Altar-mór, já como Bispo.

A Missa que se diz é a

da festa de S. José. A' oração da Missa junta-se uma oração especial pelo Eleito e a oração da féria.

O Sagrante no seu trono, o Eleito no seu Altar especial, vão prosseguindo na Missa.

IV — Preparação imediata para a Sagração

Depois da Epístola, o Sagrante desce do trono, e vem sentar-se de novo no faldistório, a meio do Altar, voltado para o povo; em frente dele sentam-se os Assistentes e o Eleito, como no principio da cerimónia.

O Sagrante proclama então os poderes próprios da ordem episcopal, que vai conferir ao Eleito, dizendo em voz alta: — *Ao Bispo pertence julgar, interpretar, consagrar, ordenar, oferecer a Deus, baptizar e confirmar.*

Vai em breve realizar-se o acto da Sagração; mas, antes, o Sagrante faz a toda a assembleia a recomendação: — *«Oremos, Irmãos caríssimos, a fim de que a bondade de Deus omnipotente, para utilidade da sua Igreja, conceda a este Eleito abundância da sua graça».*

Todos ajoelham, o Eleito prostra-se, e canta-se a Ladainha dos Santos. Invocam-se as graças da Santíssima Trindade e a intercessão de toda a corte celestial. Durante o longo formulário destas invocações, afigura-se-nos que o Eleito, prostrado, confundido naquela posição de humildade com o pavimento em que jaz, está pensando na Diocese de Aveiro, no rebanho que lhe é também confiado e nos trabalhos apostólicos que, para salvação das almas, há-de realizar, com auxilio das graças celestes, que todos nós pedimos; parece-nos ainda que vemos descer do Céu e rodear o Eleito, assim humilhado, todos os Santos que nós invocamos — a Virgem Mãe de Deus, os coros angélicos, os grupos de Bem-aventurados, a quem se dirigem os nossos clamores, e que por fim todos eles juntam as suas vozes às nossas a suplicar para o Eleito as bênçãos de Deus, clamando repetidas vezes em coro unísono: — *«Te rogamos, audi nos».*

Quase ao terminar a Ladainha, o Sagrante ergue-se, de mitra na cabeça, e tomando na mão esquerda o báculo pastoral, volta-se para o Eleito, que continua prostrado, e diz por três vezes, traçando com a dextra cruces de bênção: — *«Que vos dignels abençoar, santificar e consagrar este Eleito»;* e a Igreja triunfante e a Igreja militante completam a frase dizendo *una voce*: — *«Te rogamus, audi nos».*

V — Sagração

Principia nesta altura a Sagração propriamente dita.

Sobre as espáduas e cerviz do Eleito ajoelhado, é imposto um códice dos Santos Evangelhos aberto, mas com as folhas voltadas para baixo como que para a doutrina evangélica se derramar sobre ele, e lhe repassar o cérebro, o coração e toda a alma: rito eloquentemente simbólico, que se executa em silêncio, ficando, no deorrer da cerimónia, o Eleito submetido a este jugo.

É chegado o momento culminante. Os três Bispos, Sagrante e Assistentes, impõem as mãos sobre a cabeça do Eleito, dizendo a fórmula — *«Recebe o Espírito Santo».* Foi assim que Jesus Cristo ordenou os seus Apóstolos; foi assim que os Apóstolos ordenaram os seus sucessores; é assim que, através de vinte séculos, de geração em geração, o poder eclesiástico tem sido transmitido de uns para outros Bispos, sem interrupção ou solução de continuidade, até hoje, de modo que o mais recente dos Bispos é o último dos elos duma cadeia imensa e ininterrupta, que vem do tempo dos Apóstolos, que vem do tempo de Cristo.

Sentimos uma comoção profunda ao considerar a extrema singeleza deste acto, que contrasta com a sublimidade divina dos efeitos produzidos. Logo a seguir vem a não menos simples prece: — *«Sede propício às supplicas, Senhor, e, inclinando sobre o vosso servo o vaso fecundo da graça sacerdotal, derrama sobre ele a virtude da vossa bênção».*

Agora já ali não está o simples Eleito, o candidato ao officio episcopal: é já o Bispo, o sucessor dos Apóstolos, o ungido do Senhor pela unção do Espírito Santo.

Bem é que a unção material e simbólica venha agora consagrar visivelmente e manifestar aos olhos dos fiéis essa unção mística, espiritual e invisível, que acaba de descer do Céu sobre a alma deste sacerdote, e lhe imprimiu o carácter episcopal.

Além disso: — Não é o officio do Bispo uma árdua missão de combate e luta pela causa do Senhor? Não precisa o Bispo de ser um atleta, pronto sempre a combater os inimigos de Deus e da salvação das almas? — Ora os atletas de Roma e de Esparta eram sempre ungidos antes de entrar em combate: bem é que o sejam também os lutadores nas pelepas de Deus. Acolá era uma unção material, que os tornava mais ágeis

na luta e na defesa; aqui é uma unção simbólica, à qual correspondem grandes efeitos espirituais. Por isso é nela empregado o Santo Crisma, óleo perfumado pela adunção de bálsamo odorífero, para simbolizar o perfume das virtudes de que deve andar sempre impregnada a alma do Bispo, e que dele se difundirá para santificação do rebanho do Senhor.

O sagrante reza nesta altura uma admirável prefácio, em que se memora o pontificado de Aarão, figura da dignidade episcopal, as suas vestes ricas e sumptuosas, que atraíam as atenções e admiração do povo, e simbolizavam as graças e virtudes que devem, como ouro e pedraria de grande valor, esmaltar a alma do Bispo: graças e virtudes estas que o Sagrante pede para o Sagrado.

Então interrompe o prefácio, entoa o hino de invocação ao Espírito Santo — *Veni, Creator Spiritus* —, unge o alto da cabeça do novo Prelado, com uma prece adequada e tríplice bênção. Reata depois o prefácio interrompido, que é continuado com a mesma elevação de pensamentos, pedindo as graças sobrenaturais necessárias ao Bispo, para o bom desempenho do seu officio.

Passa a ungi-lhe as mãos com o mesmo Crisma e faz-lhe logo a entrega das insígnias pontificais: — o báculo ou o cajado pastoral, e o anel figurativo da fidelidade ilibada que deve guardar à Santa Igreja.

Até este momento conservou o novo Prelado o livro dos Santos Evangelhos aberto sobre as espáduas e cerviz; agora somente é que lhe é retirado, para o Sagrante lho entregar nas mãos: — *«Recebe o Evangelho, e vai: prega-o ao povo, que te foi confiado, pois Deus é omnipotente para te dar em abundância as graças que para isso careces».*

O Sagrante volta para o trono. Seguem-se o Evangelho e o Credo, com o cerimonial costumado.

VI — Missa dos fiéis

Ao Ofertório, o Sagrante vem de novo para o meio do Altar-mór, onde se senta no faldistório. Realiza-se então um acto privativo das Missas de Sagração, que tem um perfume arcaico interessantíssimo, e que nos transporta nas asas da imaginação aos primeiros séculos da Igreja.

O novo Bispo, acompanhado dos seus dois Arcebispos Assistentes, e seguido de seis eclesiásticos, que transportam dois círios acesos, dois pães, e dois barris cheios

de vinho, tudo isto decorado com os escudos de armas do Sagrante e do Sagrado, vem do seu altar privativo, onde tem recitado a Missa até este momento, ao Altar-mór, ajoelha perante o Sagrante, oferece todos estes dons, beijando-lhe a mão a cada oferta. Reminiscência dos antigos tempos, em que todo o clero e fiéis ofereciam ao celebrante, nesta altura da Missa, velas para a iluminação do templo, e bem assim pães e vinho, dos quais se separava e punha sobre o Altar o que havia de ser consagrado e distribuído em comunhão pelos fiéis.

Terminada a oblação, o Sagrante lava as mãos, o Sagrado deixa o seu Altar privativo, e vem para o Altar-mór, onde desde este momento em diante recita a Missa juntamente com o Sagrante, oferecendo ambos simultaneamente a Deus, no mesmo Altar, O Sacrifício do Corpo e Sangue do Divino Salvador. Ambos consagram, e ambos comungam da mesma Hóstia e do mesmo Cálice.

O pontifical decorre no mais como de ordinário.

No fim, para rematar a Missa, o Sagrante dá, ele só, a bênção pontifical.

VII — Conclusão

Depois, sentado o Sagrante no faldistório, tendo a seus lados os dois Arcebispos Assistentes, estando de joelhos diante de si o que acaba de ser sagrado, são então impostas a este a mitra e as luvas pontificais, e em seguida é entronizado a meio do Altar, no faldistório. Ali está o venerando Bispo, gloriosamente revestido de todas as insígnias da sua altíssima dignidade, como que em exposição aos olhos do povo, que o contempla com reverência e affecto — *«Ecce Sacerdos magnus».* Agora ele é o primeiro entre todos, goza as primícias do seu pontificado. Amanhã começarão os trabalhos e os espinhos acerbos a pungir-lhe a alma: hoje, porém, são as horas de santa alegria, as horas de agradecer a Deus em jubilo reconhecimento as graças recebidas. Por isso o Sagrante ergue o canto de acção de graças por excelência — *Te Deum laudamus* —, hino que o coro e a assembleia dos fiéis continuam.

E, enquanto o Sagrante, num lugar secundário e humilde, no segundo degrau ao lado do Evangelho, descoberto, de mãos postas, se conserva em oração dando graças ao Senhor, os dois Arcebispos Assistentes vão buscar o novo Bispo, e levam-no em

(Continua na pág. 5)